

## QUE MUNDO É ESTE? É O MUNDO DA MUDANÇA!

ENTREVISTA COM O BISPO LAMONT, EXPULSO DA RODÉSIA POR SUA  
LUTA EM FAVOR DOS OPRIMIDOS

Milhares de africanos da Rodésia chamam-no “nosso advogado branco”. Para outras centenas de brancos ele é apenas “o bispo vermelho” ou “um irlandês louco, como todos os irlandeses”. Certo, que durante vinte anos, o bispo católico da terceira cidade da Rodésia (Umtali), monsenhor Donald Lamont, tem se tornado um aborrecimento contínuo para as autoridades “européias” e racistas do regime de Salisburg. Desde sua primeira pastoral em 1959, este missionário carmelita não cessou de denunciar incansavelmente as atrocidades, os atropelos e as injustiças que estão implícitos no exercício do sistema de discriminação racial e extrema exploração social reinante na Rodésia. Não surpreende num mundo onde admite com todo descaramento as mais cruéis desigualdades, em função da cor da pele dos seres humanos, que um homem de reputada circunspeção e sensatez como Lamont, seja chamado de “demente”; nem que finalmente tenha sido levado aos tribunais, acusado de proteger “a esses que o Governo chama de ‘terroristas’, que eu chamo de guerrilheiros, e que os afrocaínos denominam de ‘lutadores da liberdade’, como ele mesmo explica. Em Umtali monsenhor Lamont foi entrevistado pela revista espanhola CAMBIO, n.º 16, \* de setembro do ano passado, e que o CEI publica como documento n.º 77.

“Meu longo confronto com o Governo branco da Rodésia nada tem a ver com questões pessoais. Denuncio e denunciarei, sem rodeios, qualquer regime que não respeite os direitos dos africanos ou de qualquer outro povo de qualquer raça, e os trate de maneira a impedir-lhes o gozo da igualdade diante da lei, os vede o acesso à vida cultural, econômica e social e não os permita compartilhar de uma justa porção da riqueza

da nação. Esta é a situação dos africanos na Rodésia: são marginais à sua própria sociedade, e tratados de acordo com o que poderíamos chamar de uma ética racista que ensina existirem duas categorias de moralidade — uma para os privilegiados e bem educados, e outra para os que carecem de todo privilégio e aos quais lhes foi negada uma boa educação”.

\* N. da Redação — O Bispo Lamont foi recentemente expulso da Rodésia, após ter sido condenado pelo governo de Smith a 10 anos de prisão.

“A discriminação racial na Rodésia funciona de um modo absoluto a fim de impedir a ampla maioria da população de evoluir como pessoas humanas. Os africanos sentem-se aprisionados pela legislação repressiva. Dado que a educação não está ao seu alcance, nas mesmas condições que os brancos, a mente dos africanos não se desenvolve, não pode fazer desabrochar todo o rico potencial que neles se encerra como indivíduos. O africano não está autorizado a associar-se livremente como outros seres humanos, a mover-se livremente, a conseguir trabalho e ganhar salários justos, a educar-se, a eleger suas autoridades e a ter representação proporcional no parlamento”.

“A desproporção entre os salários africanos e europeus, neste país, é realmente incrível. No domingo passado, dei carona na estrada a um africano e levei-o no meu carro até Umtali. Contou-me que, era um imigrante de Malawi e que trabalhava como peão rural numa granja. Há dez anos estava no país e há cinco anos trabalhava com o mesmo patrão. Recebia mensalmente, depois de todo este tempo, nove dólares rodesianos (300 cruzeiros). E isto aqui é o normal, é comum!”.

“Não há dúvida que os europeus da Rodésia, que na Europa nunca tiveram empregados, não têm o mínimo interesse em ir embora deste país nem de mudar este estado de coisas. Por outro lado não poderiam ser atendidos com o mesmo servilismo e por esse preço tão baixo. Um de meus sacerdotes, que anos atrás trabalhava com problemas de justiça social, contava sempre esta história: ‘Havia uma vez na Rodésia uma família branca, muito, mas muito pobre mesmo. O pai era pobre, a mãe era pobre, o único filho também era pobre. Seu cosinheiro chefe era pobre, seus dois assistentes na cozinha eram pobres, seu criado era pobre, os seis jardineiros eram pobres e as quatro empregadas eram pobres. Enfim, eram todos muito pobres’. Bem... ‘si non e vero, e ben trovato’ (se não é verdade, está bem inventado)”.

“A situação tornou-se francamente crítica. A loucura política da Rodésia é tão séria e tão grave que seus dirigentes nem sequer conseguem pensar nos resultados inevitáveis de todo este estado de coisas. É semelhante a um doente a quem foi receitado os remédios e se recusa a tomá-los. Durante anos fui perseguido até pelos próprios católicos brancos da Rodésia, que faziam consideráveis esforços, denunciando-me ao Vaticano, para que fosse expulso do país. Mas o Santo Padre conhece bem a situação daqui e me disse: ‘Lamont, mantenha-se no seu posto, eu o apoio’”.

“Como é que alguém pode pretender ser cristão e sustentar este estado de coisas ou ficar de boca calada? Isto seria pura hipocrisia. Muitos de meus fiéis dizem: ‘A Igreja está acabando com toda forma de religiosidade, e tornando-se socialista’. Em primeiro lugar, não é nada disso. Creio que alguém com um mínimo de sensibilidade social, deva partir de uma atitude contemplativa. Tem de ser capaz de olhar para dentro de si, onde está o que eu chamo Deus. É aí onde que eu me dou conta de ser único. Sou uma criação especial e diferente, o resultado dos cuidados de Alguém, e não de alguma força cósmica e obscura, mas de Alguém que, como eu, tem intelecto e vontade. Quando me dou conta da coisa maravilhosa que eu sou (e não sou um produto feito por uma máquina, como a coca-cola), tomo consciência de que sou uma entidade pessoal única. Então deve também reconhecer os milagres da criação que os outros homens são. E só então eu posso respeitá-los como tais”.

“Uma das grandes coisas da modernidade é o fato do cristianismo estar comprometendo-se cada vez mais com a realidade. Muita gente protesta dizendo: ‘Que mundo é este?’ Pois bem, é o mundo da mudança. As formalidades dos séculos passados, as superficialidades, a miséria congelada de centúrias, está se abalando, rompendo-se; o frio ártico cede lugar à primavera, mesmo que muitas pessoas estejam confusas e acreditem que isto seja o fim”.

“É disto que estamos precisando neste país: uma primavera de transformação. No entanto as pessoas são tão cegas! O egoísmo empobrece os homens, e a sociedade branca Rodésiana está fundada no egoísmo, numa espécie de primitivismo moral. Todos os rodésianos brancos pensam que eles são criaturas especialmente favorecidas, e que todos os demais estão enganados. Sua falta de realismo é quase total. E a sua pouca imaginação para conceber outro tipo de sociedade diferente, com um profundo sentido da comunidade humana, é realmente pavorosa”.

“Isto é trágico. Porque este é um belo país, muito rico e com gente amável e cordial, refiro-me aos africanos. Claro. Mas é incrível: nem sequer cinco por cento dos europeus é capaz de dizer ‘bom dia’ a um africano na língua dele. E cerca de sessenta por cento da população branca nega-se o dizer ‘bom dia’ em qualquer idioma a um africano, porque acha que esse ato de cortesia elementar significaria reconhecer que estão colocando-se ao mesmo nível dos negros”.

“Os brancos lhe dirão: ‘Você é espanhol? Há quanto tempo você reside no país? Dez dias? Pois bem: eu estou aqui há 20 anos, e não venha você me dizer quem são os africanos e como devo tratá-los’. Isto porém é falso. Ele nada sabe sobre os africanos. Vive isolado em sua própria comunidade branca, uma vez que sofre de um isolamento geográfico. Os únicos que conhece são os seus empregados, porém os conhece apenas através da relação amo-escravo ou servo. Não pode comunicar-se com eles. Também está isolado socialmente, porque com certeza nunca entrou na casa de um africano. E está isolado economicamente porque os africanos não competem com ele, desiguais como estão, assombrosamente, pelos salários e rendimentos”.

“Quem pode surpreender-se agora pelo que está acontecendo no país? Quem pode maravilhar-se de que o nacionalismo africano esteja crescendo a passos gigantescos, de que os jovens africanos, sem futuro nem perspectivas, se incor-

porem à guerrilha para terminar, pela luta, com este estado escandaloso de coisas?”.

“Irão me prender, me condenar; expulsar-me-ão do país, porque não vai lhes custar nada me darem por culpado. Mas eu estarei feliz com isso. Calar-me seria tornar-me cúmplice desta situação. Por outro lado, fazem 30 anos que estou na Rodésia e já está na hora de um homem mais jovem ficar no meu lugar como bispo de Umtali”.

### SEM PAPAS NA LÍNGUA

No dia 14 de agosto de 1976, monsenhor Donald Lamont entregou à imprensa uma explosiva carta aberta ao Governo de Ian Smith, da qual foram publicados alguns trechos numa transcrição não muito textual pela imprensa complacente, quando não governamental, da Rodésia. Exatamente um mês depois, monsenhor Lamont comparecia diante de um tribunal, acusado de não ter denunciado a presença de “terroristas” e de haver incitado outras pessoas a não fazê-lo. “Coisa curiosa — disse Lamont a CAMBIO 16 — advertiram-me que as acusações nada tinham a ver com a carta aberta. Mas é difícil acreditar nisso”. E para qualquer observador também é difícil acreditar. Eis os parágrafos mais significativos do documento do prelado de Umtali:

“Como bispo católico não posso permanecer calado enquanto o descontentamento civil, a tensão social e a violência já estão demasiadamente evidentes e se incrementam dia a dia”.

“Sinto-me compelido em consciência a denunciar a sua administração, que através da sua política claramente opressiva e racista e pela sua óbcecada resistência a toda mudança, é amplamente responsável pelas injustiças que provocaram a desordem presente, e deve ser, na mesma medida, considerada culpada de qualquer miséria ou derramamento de sangue que possa ocorrer”.

“Longe de defender a cristandade e a civilização ocidental, como estão alegando, a política dos senhores burla-se da lei de Cristo e torna o comunismo atraente para o povo africano. Deus quer que seu mundo e seus povos sejam governados com justiça. Ele deseja que os homens façam pelo seu próximo o que desejariam que lhes fossem feito a eles mesmos. Esta vontade de Deus está sendo totalmente desrespeitada e deliberadamente frustrada pela forma com que os senhores governam a Rodésia”.

“Sejam quais forem as bases duvidosas sobre as quais os senhores fundamentaram alguma vez seus pressupostos direitos a governar, elas carecem agora de validade. Os senhores podem governar com o consentimento de um pequeno eleitorado egoísta, mas governam sem o consentimento da nação, que é a prova de toda legitimidade. Todas as tramóias legalistas do mundo não podem alterar este fato”.

“Não há dúvida nenhuma de que o povo oprimido, transformado em marginal de sua própria sociedade, em seu próprio país, deu as boas-vindas e continua a fazê-lo, aos que eles denominaram de ‘lutadores de liberdade’ e que os senhores chamam de ‘terroristas’. Isto é muito compreensível. Pois é compreensível também ter surgido essa força e estar aumentando dia a dia. A opressão dos senhores deu ensejo à sua existência e presenteou aos jovens rapazes e moças que pertencem a este movimento, uma causa atraente para por em jogo suas vidas. Eles se sentem compelidos em consciência a lutar pela eliminação de todas as discriminações que degradaram a sua gente, convertendo-os em cidadãos de segunda categoria na terra que os viu nascer”.

Após condenar toda forma de violência, monsenhor Lamont afirma: “ao mesmo tempo devo repetir — e não importa quais sejam as conseqüências para mim — que a violência institucional sancionada pela sua administração e imposta pelas Atas do parlamento é em si mesma, a causa fundamental da maior parte da violência física que a Rodésia tem sofrido durante os últimos dez anos”.

“Se o aumento do ódio racial, o incremento da guerrilha urbana, a intensificação de destruição da propriedade e do medo de perder a vida têm de ser evitados; se é preciso impedir que todo o subcontinente sul-africano seja envolvido numa guerra cruel, os senhores devem mudar sem demora, o trágico curso da ação presente. O Papa Paulo VI assinala:

“Na medida em que os direitos de todo o povo, como o direito de autodeterminação e independência, não são devidamente reconhecidos e respeitados, não pode haver paz real nem duradoura, ainda que o poder abusivo das armas possa prevalecer por certo tempo sobre as reações dos que se opõem... Todos os homens devem participar da vida da nação. O poder, a responsabilidade e as tomadas de decisões não podem ser o monopólio de um segmento grupal ou racial o povo”.

“Sem dúvida, isto significa para alguns o sacrifício de privilégios baseados unicamente na raça; no entanto, em se tratar de uma obra de justiça, servirá para eliminar as fontes de descontentamento e da violência, e trará essa paz que esperamos”.

“Cabe aos senhores traçar o caminho. O destino da Rodésia e do seu povo está em suas mãos”.